

Da maldição que move o mundo: a banalização da vida.

Josefina de Fatima Tranquilin-Silva*

Resumo.

Como sobreviver ao isolamento social durante a pandemia do novo coronavírus, se o toque é algo fundamental em minha existência? Esta é a pergunta de partida deste ensaio acadêmico. Para respondê-la se fez necessário pensar o meu corpo, o meu lugar de privilégio e de fala, a partir, principalmente, das categorias classe social, raça/etnia e gênero, assim como, as de humanidade, natureza, cultura, meio ambiente e as ciências, em conexão com os corpos “outros”, aqueles que são alvos das estratégias de extermínio desde a criação do Estado Moderno. Considero que por hora, de uma forma ou de outra, estamos modificados, porém, quando a suspensão total do isolamento social se der não sei de sairemos mais empáticos, se haverá narrativas de salvação e se haveremos de voltar a dançar em comunhão com a mãe Terra.

Palabras clave.

Corpos, isolamento social, pandemia, humanidade, classe/raça/gênero.

Abstract.

How to survive social isolation during the new coronavirus pandemic, if touching is something fundamental to my existence? This is the starting question for this academic essay. To answer it, it was necessary to think about my body, my privilege and speech position, based mainly on the social class, race/ethnicity and gender categories, as well as those of humanity, nature, culture, environment and the sciences, in connection with the “other” bodies, those that have been the targets of extermination strategies since the creation of the Modern State. I believe that for now, in one way or another, we have been modified, however, when the total suspension of social isolation occurs, I do not know if we will be more empathetic, if there will be narratives of salvation and if we will dance again in communion with the mother Earth.

Keywords.

Bodies, social isolation, pandemic, humanity, class/race/gender.

* Pesquisadora do Instituto Ritmos de Pensamento e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Cultura e Sociedade/NEPeTCs/UFScar-Sorocaba, SP. E-mail: tranquilinfina@gmail.com



Como (sobre)viver ao distanciamento/isolamento social? Toques em meu corpo tão necessários à minha existência... Percebo que a imagem/representação do outro e as narrativas/conversas (escritas) que me vêm (e vão) pelas tecnologias não me bastam. Não há existência sem toques. Aprendo ainda mais meu lugar de fala, lugar de privilégio. Privilégio que sempre soube/sei que tinha/tenho e sempre me fiz/faço atenta para que este estado não me apartasse/aparte daqueles que não o tem, que não me furtasse/furte de fazer frentes de resistências com eles.

Toques! Esse encontro com o outro, de corpos e mediado por, desde a estruturação da biopolítica elaborada por Foucault (1976), sabemos que é objeto essencial da política, do poder. Não um corpo biológico no qual o poder age, mas, como diz Preciado, “a própria tarefa da ação política é fabricar um corpo, colocá-lo em funcionamento, definir seus modos de reprodução, prefigurar as modalidades de discurso através das quais esse corpo se torna ficcionalizado até poder dizer ‘eu’. [...] o poder gerencia a vida e a morte das populações” (apud Moura, 2020). E nesta época de pandemia, o não toque só colabora com o gerenciamento das vidas e das mortes. Corpos (d)(es)tocados pelos detentores do conhecimento científico médico que pouco, ou quase nada, trazem dos conhecimentos das ciências humanas e sociais: infectologistas, biólogos, sanitaristas... Pelo que percebo, impera o cartesianismo cientificista, resumido por Edgar de Assis Carvalho: “cientificista, arrogante, antropocêntrico, o paradigma ocidental incumbiu-se de selar as oposições entre corpo e mente, corpo e pensamento, corpo e imagem [...]. Com isso, as ditas humanidades deixaram de lado sentidos, sentimentos, corporalidades, desejos, pulsões que integram e delimitam o mundo da vida. [...] essas dualidades impedem a emergência de hominescências [...]” (Carvalho, 2019: 74). É verdade que, assim, a partir da ciência racional e da técnica –pilares do projeto racional de modernidade–, construímos os sistemas pelo mundo ocidental, incluindo os de saúde/morte. Sistema que se aproxima do Inferno de Dante, analisado por Georges Didi-Huberman: “aqui a grande luz não resplandece, há apenas uma treva onde crepitam timidamente os ‘conselheiros pérfidos’, os políticos desonestos” (Didi-Huberman, 2011: 11).

Os corpos mortos são descartados “como se fossem um lixo de que precisamos nos livrar o mais rápido possível”, diz Achille Mbembe, autor da Teoria da Necropolítica (2018), em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo* (Mbembe apud Bercito, 2020). E assim, hoje, vivemos mais uma das grandes crises human-sanitárias, resultado do processo de globalização que, entre outras coisas, fez desaparecer as fronteiras entre os Estados-nação pensando no lucro: extrema circulação de capital, de pessoas, do consumo exacerbado, das artes, assim como das violências, explorações. A globalização não se importa com o planeta! Justamente por meio das fronteiras que deixaram de ser *front*, o novo coronavírus se alastrou de forma tão avassaladora. E, agora, as fronteiras se erguem novamente e os governantes de cada país se posicionam de duas formas, egoisticamente ou com solidariedade aos povos que, outrora, eram considerados parte de uma “aldeia global”.

Sífilis. Varíola. Ebola. HIV. SARS. H1N1... nelas os corpos indesejáveis pelo “cistema” (Viviane, 2015) branco, rico e macho pouco se salvaram: trabalhadores rurais e aqueles de baixa renda, os desempregados e sem tetos, as prostitutas, os LGBTQI+, principalmente as travestis, as mulheres negras, as domésticas, os pretos, pobres, favelados. Suas crianças e seus velhos. Mesmo diante do medo mundial



de uma pandemia viral (Han, 2015), as indústrias dos fármacos não investiram seus valorosos dólares para as descobertas de vacinas, uma vez que estas são pouco lucrativas (Davis, 2020), mas, em pesquisas para tratamentos neurais e hormonais. Estes sim, lucrativos em uma sociedade que vive à base da “positividade” e não da contemplação (Han, 2015), e de hormônios, como analisa Paul B. Preciado (2008), classificando nossa sociedade como “farmacopornográfica”.

Os corpos que quase nunca se salvaram, corpos não privilegiados à existência, justamente eles se tocam, em um momento em que a ordem da Organização Mundial da Saúde (OMS) é não se tocar. A mesma instituição que não conseguiu dar a ordem para que houvesse investimentos maciços em vacinas. Por que não nos tocamos? Somente nos salvaremos se juntarmos nossos esforços individuais, se dermos às mãos, se formos solidários. Mas, como darmos as mãos se temos que ficar no isolamento social e “não beijar, abraçar, tocar.” (Gil, 2020). Não transar! A questão é, para Achille Mbembe: “Como criar comunidades em um momento de calamidades?” (Bercito, 2020).

Não há vigilância e nem tecnovigilância que elimine o toque entre aqueles corpos considerados indesejáveis pela necropolítica, pelos políticos perversos e por muitos cidadãos das classes médias e das elites: mínimas casas com muitas pessoas, metrô e ônibus cheios, atendendo seus clientes, vagando pelas ruas... seguem se tocando! As profissionais do sexo tentam mudar suas formas de atendimento. No início da pandemia, conversei por meio da tecnologia com uma grande amiga travesti, profissional do sexo:

“vc não está atendendo, né?/ Não estou fazendo real, tô só fazendo por chamada de vídeo/ah... que ótimo, ainda melhor para vc.../ Sim, eu tô fazendo somente com os clientes que tenho,

aliás é bem menor o valor e menos clientes dispostos, mas é melhor pingar que secar/ Sim, barateando pode até aparecer mais gente... pq uma hora todo mundo tem que trepar, né?/ Exatamente, eu coloco no meu status do whatsapp para que meus clientes vejam que estou atendendo, bloqueio amigos e familiares... eles vendo fotos vulgares e o aviso, eles entram em contato/ uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu... que técnica... adorei/Sim, eu tenho dois aparelhos, um pra geral, outro pra clientes, mas posto e aviso nos dois, bloqueando quem não deve ver sobre os programas”. Peço a ela para falar com outra amiga travesti, profissional do sexo, que só tem a prática da rua: “falei com ela. Não toquei no seu nome, mas mesmo entendendo a necessidade, parece que ainda está apegada na rua [...] mas, pra meninas trans [atender on line] tem sido uma saída/é foda.... na rua ela consegue ter mais controle... eu acho, né?/ Acho que sim, e o hábito né?! É o que falei pra ela, eu tbm odeio virtual, mas é uma segurança diante da situação/É... mas ela precisará entrar nessa, enquanto não consegue outra forma de sobreviver/ É o que eu penso!/Vc odeia fazer virtual, jura? não é melhor pq não tem toque, nada? (desculpe...)/É que quando é real, a hora voa e vc pode colocar limites, quando é virtual além do tempo não passar eles aproveitam o não contato físico, com isso eles não tem medo, e pedem coisas humilhantes pra mostrar, pra fazer/vixe.... que merda.../Mas é questão de colocarmos na balança pelo que estamos nos humilhando, engolir o orgulho e correr atrás da maldição que move o mundo/foda/ Tô tentando me preservar/ Isso, tente também preservar a sua saúde mental/Tentarei.../E sua mãe, como está?...”.

Não é fácil trocar o toque, por mais odioso que ele seja, pelas imagens em movimento/representação via tecnologia, uma vez que elas podem ser mais



humilhantes aos “corpos inconformes” (Viviane, 2015). Ora as imagens, ora os toques, quase todos esses corpos e “corpas” (Viviane, 2015) de todas e “todes” são jogadas, “jogades” aos lobos. Sempre.

Descoletivização e telecontrole aos corpos desejáveis, coletivização e punição aos corpos indesejáveis. Portanto, como nos alerta David Harvey (2020: 21), “o progresso da COVID-19 exhibe todas as características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça”, ao que acrescento, de idade, uma vez que velhos morrem em maior quantidade. “E não existe comunidade sem podermos dizer adeus àqueles que partiram, organizar funerais” (Mbembe apud Bercito, 2020). Nossas ancestralidades morrem. Nossas memórias coletivas, afetivas, se vão. Os depositários de nosso amor se vão em meio ao nosso desespero. Por mais que desrespeitemos a regra universal do amor à nossa ancestralidade, em momentos de crise absoluta como esta que estamos vivendo, o sentimento de amor aos nossos velhinhos toma conta de nós. Sentimento este que independe de classe social, gênero e raça. E olha que, segundo o poeta, “[a]mor é primo da morte/e da morte vencedor, por mais que o matem (e matam) a cada instante de amor” (Drummond, 2015).

Em meio à narrativa do poder, encontramos as frases “alguns vão morrer”, “estão morrendo aqueles que eram esperados, os do grupo de risco”, “os idosos morrem mais, porque são do grupo de risco”. “É uma banalização da vida, mas também é uma banalização do poder da palavra. Pois alguém que faz uma emissão dessa está pronunciando a condenação” (Krenak, 2020). Octavio Paz já dizia [...] “a palavra é a ponte através da qual o homem tenta superar a distância que o separa da realidade exterior” (Paz, 1984: 43). E assim nos mostra o rapper Lucas Afonso, em sua mais nova criação, *O Brasil não pode parar*:

*“o Brasil não pode parar/Mas, para aí, rapidão/
Na humildade /Tem um minutinho pra dar uma*

atenção?/Tem que tá vendo/Na moral, vou perguntar pra você/Cê tá de acordo com isso aí que é tudo bem uns morrer?/Eu tô ligado, companheiro/Não dá pra parar/Cada um sabe quantas bocas tem para alimentar/Mas, veja bem/Colocar em risco nossa vida, nosso povo e a preocupação deles é ser eleito de novo?/Ou tão preocupado com nois?/Quebrada, não se ilude/Mesmo com a pandemia/O que esses caras faz pra saúde?/Agora é bonzinho?/Preocupado com quem não come?/Alguém me cita um único plano de governo pra combater a fome?/Pra quem vem da margem/Sem novidade!/Lição pra boy saber/Quem move a economia, de verdade/“Ah! Ficar em casa é atitude de covarde”/Ué?! Não é o cara que na eleição corrida dos debates?/Seu papo de patriota, cá pra nós, já não cola/ Uma pandemia mundial/Seu conselho é abrir escola?/É só uma gripezinha/Tudo bem uns falecer/Não respeita nem a família dos que votaram em você/Sem despedida sem velório/Vários sendo enterrados/Imagina a mãe, o pai e o filho ouvindo: “É só um resfriado”/Já que o papo é Covid convite fica a você/Já imaginou seus pais ouvindo que “Só velho vai morrer?”/Quem puder fica em casa e me desculpe a insistência/Mas Fake News no Whatsapp, amigo/Não é ciência/Uns tão lavando as mãos/Põe a mão na consciência/Não facilita pro vírus, nem pro verme da presidência/Eu tô atento e tenho só observado/Carreata pra volta ao trampo/Só com carro importado/Na fila do matadouro alguém gritou: “VAI DAR ERRADO!”/Mesmo assim tem boi na fila torcendo pro rei do gado/Eu sigo na torcida por nós, pela vida/Vocês não imaginam a saudade que eu tô da minha família/Mas, tudo isso vai passar/Em breve será só memória/Tanto o vírus quanto o pior presidente da história”.

Em uma sociedade em que o poder está centrado nos corpos cis/hetero/macho/branco/rico/adulto,



são muitos os corpos indesejáveis. Os espaços metropolitanos, principalmente os de grande concentração de pessoas, como as “urbanias” (Barbero, 2008), as “cartografias físicas” e as “cartografias simbólicas” (Silva, 2001) nos mostram os ambientes onde corporalidades indesejáveis são aceitáveis ou não: nas tramas cotidianas da existência, existir-se é imperdoável! Como já salientei em outros escritos, Butler (2015:231) diz que tanto o “repúdio” que os indivíduos sentem quanto a “expulsão” que praticam são o alicerce que materializa as “identidades culturalmente hegemônicas em eixos de diferenciações de sexo/raça/sexualidades” e, acrescento, classe. Sendo assim, essa aversão leva à expulsão do Outro para longe do Eu, como se fossem “excrementos”, transformando-os em seres “abjetos” e assim repudiados.

“A pandemia vai mudar a maneira como nós lidamos com o nosso corpo. Nosso corpo se tornou uma ameaça para nós próprios”, diz Achille Mbembe (Bercito, 2020). “Atualmente, 45% da força de trabalho [que não têm o direito ou opção de ficar sem o toque] é praticamente obrigada a transmitir a infecção ou ficar com o prato vazio” (Davis, 2020:9). Da Biopolítica à Necropolítica: “as políticas da fronteira e as rigorosas medidas de confinamento e imobilização que nós, como comunidade, aplicamos nos últimos anos a migrantes e refugiados —até deixá-los fora de qualquer comunidade— agora são reproduzidos nos corpos individuais [...]. Durante anos, nós os tivemos no limbo dos centros de detenção. Agora somos nós que moramos no limbo do centro de retenção de nossas próprias casas.” (Preciado apud Moura, 2020). Podemos ficar um tanto próximos dos nossos e nos apartamos de todos os outros e pedimos a eles que se juntem e nos sirvam: os serviços valem —os entregadores uberizados e todos os trabalhadores e trabalhadoras que nós delimitamos como sendo de serviços essenciais—, as pessoas indesejadas, não. Os corpos desejáveis de existência passam a ter um poder

sobre a morte? De certa maneira, sim. “Podemos escapar da morte ou adiá-la [...]. Isso é um poder. Mas não é um poder absoluto porque depende de outras pessoas” (Mbembe apud Bercito, 2020). E essas outras pessoas podem ser aquelas que, mesmo desobedientes e sem opção, se tocam. São aquelas que formaram outras comunidades, quando por nós foram expulsas da humanidade.

Da Necropolítica ao Estado Suicidário Brasileiro: há os que morrem, metaforicamente, por falta de toque e aqueles que morrem, verdadeiramente, por não conseguirem ficar sem o toque. “Caminhamos para além da temática necropolítica do Estado como gestor da morte e do desaparecimento. Um Estado como o nosso não é apenas o gestor da morte. Ele é o ator contínuo de sua própria catástrofe, ele é o cultivador de sua própria explosão. Para ser mais preciso, ele é a mistura da administração da morte de setores de sua própria população e do flerte contínuo e arriscado com sua própria destruição. O fim da Nova República terminará em um macabro ritual de emergência de uma nova forma de violência estatal e de rituais periódicos de destruição de corpos” (Safatle apud Stinguel, 2020). O presidente do Brasil anda em meio aos corpos indesejáveis e os toca: ambulantes, aqueles que frequentam pequenos bares da periferia de Brasília; vai a público dizer que precisamos pensar na economia, que depois todos morrerão de fome; que o distanciamento pode ser vertical (isolando somente a população de risco); que a pandemia é somente uma gripezinha; que os brasileiros entram no esgoto e não morrem; que as mulheres estão apanhando mais porque falta pão em casa e outras tantas falas perversas. Vivemos o Estado Suicidário Fascista.

Krenak (2019) se pergunta: “como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?” O autor centra na



ideia positivista e eurocêntrica: “uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível” (Krenak, 2019). Continua nos alertando que as instituições modernas se preocuparam somente com “alguns lugares como amostra grátis da Terra. Se sobrevivermos, vamos brigar pelos pedaços de planeta que a gente não comeu, e os nossos netos ou tataranetos —ou os netos de nossos tataranetos— vão poder passear para ver como era a Terra no passado [...]. Essas agências e instituições foram configuradas e mantidas como estruturas dessa humanidade. E nós legitimamos sua perpetuação, aceitamos suas decisões, que muitas vezes são ruins e nos causam perdas, porque estão a serviço da humanidade que pensamos ser” (Krenak, 2019).

As reportagens exibidas nos canais de TV e aquelas que nos chegam pelas redes digitais nos lembram das ditas humanidades obscurecidas: as espalhadas aldeias indígenas e os quilombolas, terras que, se em governos considerados de esquerda não foram totalmente demarcados e protegidas, imaginem a estratégia de morte direcionadas às nossas ancestralidades em um governo de extrema direita. Suicidário? Essas pessoas, consideradas não pessoas diante daquilo que chamamos de humanidade, podem ser literalmente excluídas da Terra, não só metaforicamente do mapa, uma vez que suas resistências não dependem de um inimigo visível como o Estado e/ou as grandes indústrias madeireiras, de exploração de minério etc., porém de um inimigo microscópico, unicelular. Nem o “Devir Bacurau”, que sempre existiu ali, pode salvar-lhes.

Edgar Morin (2019: 07) diz que os políticos “tornam-se cada vez mais herméticos em relação a qualquer tipo de humanismo em relação àqueles que sofrem, que são humilhados, ofendidos. [...] A crise que vivemos [...] é uma crise de civilização, até mesmo de humanidade. Suscita angústias e incertezas [...] Falta-nos uma consciência global do destino da

humanidade e dos perigos planetários”. Esta pandemia nos mostra isso. Krenak (2019) questiona novamente: “como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos”. E os políticos e as instituições da saúde ainda nos pedem consciência de comunidade, de coletividade, de humanidade, mas a tiraram quando a tivemos e matam quem a tem justamente por tê-la.

Como nos salvaremos e salvaremos o outro? Josimey Costa (2019) em um lindo e reflexivo artigo/ensaio nos dá algumas pistas. Que tal questionarmos a fronteira entre animalidade e humanidade? Krenak (2019) em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* nos faz refletir na mesma direção.

Em trabalhos anteriores, voltei os olhos à Teoria da Complexidade, de Edgar Morin, a partir de seu livro *Paradigma Perdido* (1995: 93-115), de 1960. Nele, Morin defende que os sujeitos são dotados em seus códigos genéticos de um imaginário que, articulando natureza humana e cultura, compõe o cérebro complexo do *Homo* —desde o *Homo neanderthalensis*—, os considerados *Sapiens-Sapiens*. Ou seja, para Morin, articulamo-nos duplamente: somos totalmente, e ao mesmo tempo, 100% natureza e 100% cultura. Então, para Edgar de Assis Carvalho: “foram os processos históricos que se incumbiram de configurar os problemas da organização viva, representados por uma rede de diferenças, semelhanças, especializações e hierarquias constitutivas do indivíduo, da sociedade e do Estado” (Carvalho, 2003: 87). Pensando assim, Morin mostra que a animalidade continua a ser a marca fundamental daquilo que denominou de *sapiens-demens*, ou seja, a intensidade psicoafetiva



continua presente no Homem, assim como a necessidade de produzir cultura. A ciência racional colocou o *Homo* como uma espécie superior dentro do sistema vivo por acreditar que este era *sapiens-sapiens*, não considerando que o *Homo*, além de nunca ter apagado de seu código genético a animalidade, a *des-razão*, levou-a ao excesso, diferentemente dos demais seres vivos que utilizam a animalidade para se defenderem dos perigos e saciarem a fome. Nenhum outro ser vivo é tão excessivo em suas atividades psicoafetivas quanto o homem. Só o homem mata por poder. O que nos diferencia dos outros animais é nossa demência, nosso excesso, e não a nossa razão.

Viver entre dar vazão ao excesso característico da animalidade e, ao mesmo tempo, regrá-lo possibilita o aflorar de uma relação caótica, confusa e desordenada entre a natureza humana e a cultura, o real e o imaginário, e essa relação é a *fonte dos erros sapientais* (Morin, 1995). O Estado Moderno, com seus muitos políticos desonestos –perversos, eu diria– e em sua arrogância de *Homo*, tenta incessantemente colocar ordem na desordem de nossa natureza humana. Cria o mito do progresso, mas este caiu em descrença: “não acreditamos mais no progresso e voltamos nosso pensamento para nós mesmos, para nossas identidades particulares, nacionais, étnicas, religiosas” (Morin, 2019:07). Penso que a Necropolítica e o Estado Suicidário são também escolhas para colocar ordem na desordem. Mas, esquecem eles que a ordem, construída a partir de uma natureza demente, é somente uma utopia, e essas estratégias acabam nos distanciando cada vez mais da natureza-meio ambiente, a qual nos gerou e gera a vida. E assim, há corpos escolhidos para viver nesta utópica ordem e corpos expulsos, “matados”, execrados, porque mostram os erros de se tentar construir estratégias racionais (*sapientais?*), mostram que nem todos são pertencentes a esta humanidade, que não incluem todos os sujeitos, os animais, a flora e a Terra.

Como uma humanidade pode se apartar de forma tão abrupta desses outros seres – inanimados e não inanimados? A humanidade contém e está contida na relação animalidade-humanidade-meio ambiente. “Então, desenvolvemos a cultura da nossa própria morte e das outras espécies, convertemos a morte em indústria. [...] Nossos etnocentrismos rejeitam culturas diferentes da nossa, enquanto nosso antropocentrismo despreza tudo o que não nos pareça humano. E é por aí que [...] nos desumanizamos pelos genocídios que abundam na nossa história” (Costa, 2019: 69). A autora propõe a empatia como saída. Diz ela, antes da ocorrência da pandemia do novo coronavírus: “[t]enho convicção de que, se há alguma via de escape, ela passa pelo outro além de mim, pelo coletivo. Para sobrevivermos ao desastre que está sendo o Brasil e o que tem sido a nossa espécie em todo o mundo, precisamos salvar a empatia. Só ela pode fazer de nós uma espécie melhor. Para sermos empáticos, precisamos compreender o outro e a compreensão é um ato cultural, assim como a narratividade. A mesma cultura que nos dá a sombra, nos deu a linguagem e o relato, a música, a arte, a literatura e a poesia e, também, o choro, o riso, os heróis míticos, os pensadores de carne e osso, os sonhadores familiares, os contestadores juvenis e os aventureiros sem idade. E também o altruísmo anônimo e diário de uma mãe, de um pai, de um irmão ou irmã, de um amigo mais generoso.

Todos podemos sair de nós mesmos para nos colocarmos no lugar do outro como resultado de um valioso exercício de imaginação. É só desse modo que a sua dor pode se tornar a minha, assim como minha alegria pode estancar a sua tristeza” (Costa, 2019: 71). E Krenak diz que

“está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então,



pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, adiaremos o fim. Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com o seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século 21 ainda esperando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes? Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos” (Krenak apud Maakaroun, 2020).

Considero que por ora, de uma forma ou de outra estamos modificados, porém, quando a suspensão total do isolamento social se der não sei de sairemos mais empáticos, se haverá narrativas de salvação e se haveremos de voltar a dançar em comunhão com a mãe Terra. Temos que aprender a lidar com as novas dimensões do tempo, como nos diz Achille Mbembe (Bercito, 2020), voltarmos nossos sentidos à contemplação, como sugere Byung-Chul Han (2015), exigirmos que “a ecologia seja um elemento essencial de um novo pensamento político” (Morin, 2019,: 06) e “se o melhor não é prometido, o pior não é certo. Nessa luta interminável entre Eros e Tântatos, escolhamos o partido de Eros!” (Morin, 2019: 10).

E assim:

Calo

(Flor Maria: cantora–compositora–poeta–travesti)

*Eu me calo
Diante da desigualdade,
Enquanto há vaidade,
E as mãos se enchem de calos.

Me calo por lutas humanas,
Por gritos que ecoam,
De classes sem voz que soam,
Caladas por balas.

Me calo quando diante de mim,
Vejo que a agridem
Por ser mulher, residem,
Em suas casas na base do sim.

Me coloco e me calo
No lugar de quem sofre
Todo santo dia por ser preta e pobre,
Mas nem me movo, e nada falo*

*Calo a minha voz,
Sempre que vejo uma travesti ser espancada na rua,
Não me incomodo, afinal foi escolha sua,
E depois de morta se vitimiza, joga a culpa em nós.

Ah! Eu sempre me calo,
Quando tenho o poder,
E as pessoas sobrevivendo no barro, e vão sempre perder,
Pois cada um sabe onde aperta o calo.

Querem saber por que me calo?
Porque não é comigo, nem insista
Empatia é palavra de comunista,
Me cansa demais esse caô,
Todos temos as mesmas oportunidades,
Afinal, Deus é um só,
E todo o dinheiro que ele recebe, através de templos,
São destinados à caridade.

“Deus esteja convosco,
Pois conosco,
Só os nossos”.*



Referências

- ANDRADE, C. D. (2015). *Corpo - Novos Poemas*. São Paulo: Cia das letras. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/983318/>
- BUTLER, J. (2015). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARVALHO, E. de A. (2019). “Corpos biográficos, mentes confessionais: uma aventura metodológica”. In: *Espiral–Revista do Instituto de Estudos da Complexidade*, v.3.
- CARVALHO, E. de A. (2003). *Enigmas da Cultura*. São Paulo: Editora Cortez.
- COSTA, J. (2019). “Notas sobre a empatia: senso e contrassenso da alimária humana”. In: *Espiral–Revista do Instituto de Estudos da Complexidade*, v.3.
- DIDI-HUBERMAN, G. (2011). *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- FOUCAULT, M. (1976). *História da Sexualidade I: a Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- GIL, J. (2020). “Medo”. In: *Pandemia crítica*. São Paulo: n-1 Edições. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-G-mdRMn8ST/>
- HAN, B-C. (2015). *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes.
- HARVEY, D. (2020). “Política anticapitalista em tempos de COVID-19”. In: *Coronavírus e a luta de classes*. Org. DAVIS, Mike, et al. Terra sem Amos: Brasil.
- KRENAK, A. (2020). “O modo de funcionamento da humanidade entrou em crise”. In: *Jornal Estado de Minas–Pensar*. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/04/03/interna_pensar,1135082/funcionamento-da-humanidade-entrou-em-crise-opina-ailton-krenak.shtml



- KRENAK, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2008). As novas sensibilidades: entre urbanias e cidadanias. In: *Matrizes*, no. 2. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38201/40951>
- MBEMBE, A. (2020). “Pandemia democratizou o poder de matar”. In: *Folha de São Paulo*. 30-03. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>
- MBEMBE, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de excessão e política de morte*. São Paulo: n-1 editores.
- MIKE, D. (2020). “A crise do coronavírus é um monstro alimenta-do pelo capitalismo”. In: *Coronavírus e a luta de classes*. Org. DAVIS, Mike, et al... Terra sem Amos: Brasil.
- MORIN, E. (2019). “O fabuloso destino de Edgar Morin”. In: *Espiral–Revista do Instituto de Estudos da Complexidade*, v.3.
- MORIN, E. (1995). *O paradigma perdido: a natureza humana*. Lisboa: Europa-América.
- PAZ, O. (1984). *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- PRECIADO, P. B. (2020). Aprendendo com o vírus. En: *Textura*. Disponível em: <https://medium.com/textura/aprendendo-com-o-v%C3%ADrus-1f8542d3ed78>
- PRECIADO, P. B. (2008). *Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era famarcopornografica*. São Paulo: n-1 Edições..
- SAFATLE, V. (2020). “Bem-vindo ao Estado suicidário”. In: *Pandemia crítica*. São Paulo: n-1 Edições. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/blog/doney/bem-vindo-ao-estado-suicidario-por-vladimir-safatle-n-1-edicoes/>
- SILVA, A. (2001). *Imaginários urbanos*. São Paulo, Perspectiva.
- SIMAKAWA, V. V. (2015). *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

